

II SAMA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins - SISBIB**

F981a Fundação Universidade Federal do Tocantins
Anais do caderno de resumos do II Seminário de Arquitetura Moderna na
Amazônia - II SAMA, de 13 a 16 de março de 2017 / Centro Universitário Luterano
de Palmas - CEULP/ULBRA; Organização: Marcos Cereto. - Palmas, TO, 2019.

ISBN: 978-85-5659-026-8

I. Arquitetura moderna - Seminário. 2. Urbanismo. 3. Amazônia. I. Centro
Universitário Luterano (Ceulp/Ulbra). II. Título.

CDD 720.98

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma
ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação
dos direitos do autor (Lei nº9.61098) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

II SAMA

caderno de resumos

II Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia - **II SAMA**
13 a 16 de março de 2017.
Universidade Federal do Tocantins - **UFT**
Centro Universitário Luterano de Palmas - **CEULP/ULBRA**

Realização:
Núcleo AMA - **NAMA**

Autor:
Marcos Cereto

Apoio:
Conselho de Arquitetura e Urbanismo - **CAU/TO**
Instituto dos Arquitetos do Brasil - **IAB/TO**
Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - **IPHAN/TO**
Docomomo Brasil

Apoio Cultural:
JL Meurer
Mônica Avelino Arrais
Dom Vergílio
Integresis Informática
Céu Palace Hotel
Ita Construtora

programação

13.03

Conferência 01 - Modernidades na Amazônia

Prof.Dr.Hugo Segawa - Universidade de São Paulo

Palestra - Moradas Infantis em Formoso do Araguaia - TO

Ricardo Figueiredo e Edson Peres (Fundação Bradesco)

Arq. Gustavo Utrabo (Aleph Zero)

Eng. Hélio Olga (Ita Construtora)

Mostra de Filmes Docomomo

Responsável: Profa. Dra. Olívia Maia.

Sessão Temática 01 - Modernidades Amazônicas
Roraima e Amazonas

Profa. Ms. Cláudia Nascimento / Prof. Ms. Marcos Cereto

14.03

Conferência 02 - Plano Urbanístico de Palmas

Arq. Luiz Fernando Teixeira e Arq. Walfredo Antunes de Oliveira Filho.

Mesa 01 - Pioneiros da arquitetura Tocantinense

Arq. Pedro Lopes Junior / Arq. Mônica Avelino Arrais / Arq. Hildebrando Paz

Arq. Riknelson Pereira Luz / Arq. Gilberto Kobler Corrêa

Sessão Temática 02 - Modernidades Amazônicas:

Mato Grosso, Maranhão e Amapá

Prof.Dr. Ricardo Castor / Profa. Dra. Grete Pflueger / Prof.Dr. José Alberto Tostes

15.03

Conferência 03 - Obras e Trajetória

Prof. Dr. José Afonso Botura Portocarrero - Universidade Federal do Mato Grosso

Sessão Temática 03 - Modernidades no Cerrado

Profa. Dra. Eline Caixeta / Prof. Dr. Eduardo Rossetti

Mostra de Filmes Docomomo

Responsável: Dra. Olivia Maia.

Assembleia do SAMA

Conferência 04 - Belém e os sentidos da modernidade na Amazônia: antecipações, discursos e experiências

Profa. Dra. Celma Chaves - Universidade Federal do Pará

16.03

SAMATour - Giro pela cidade

Palácio Araguaia, Memorial Coluna Prestes, Palacinho (Museu Histórico do Tocantins),
Parque Cesamar (Casa Sussuapara)

Mesa 02 - Arquitetura Contemporânea no Tocantins

*Arq. Carlos Eduardo Cavalheiro / Arq. Eudo Santana / Arq. Gilmar Scaravonatti
Arq. Márcio Kajima / Arq. Thales Zago*

sumário

1. Arquitetura Moderna na Amazônia _____ 06

O percurso da modernidade arquitetônica de Camilo Porto de Oliveira: do privado ao público, da diversidade à simplificação formal

Celma Chaves e Glenda Souza

A modernidade na obra do Arquiteto Pedro Lopes

Bruna Meneses, Estéfani Marx e Patrícia Orfila B. dos Reis

Patrimônio Arquitetônico da UFMT: obras inaugurais

Ricardo Silveira Castor, Ana Vittori Frigeri e Maria Bárbara Thame Guimarães

A modernidade dos Bangalôs na renovação urbana de São Luís

Gisele Lima Franco

Arquitetura Vertical em São Luís: os Arranha-céus e a construção do moderno

Lúcia Moreira do Nascimento e Adriana Silva Santana Mendonça

Os Arquitetos Modernistas em Manaus Arquitetura Moderna na Amazônia

Graciete Costa e Antonio Rodrigues

2. Tectônica na Amazônia _____ 17

Conservação do patrimônio arquitetônico modernista: o caso da vila serra do Navio-AP

Ana Cynthia Sampaio da Costa e Regina Andrade Tirello

Habitação popular em madeira: avaliação pós-ocupação na cidade de Rio Branco-AC

Josélia Alves

Detalhes construtivos de Oswaldo Bratke em Serra do Navio-AP

Victória Reis Carvalho, André de Barros Coelho, Kevin Silva Cordeiro e Letícia Martel Kuwahara

Restaurante Chapéu de Palha

Marcos Paulo Cereto e Vasilka Nahimova Espinosa

Pousada na Ilha de Silves: a arte de construir na Amazônia

Marcos Paulo Cereto e Bruna Lopes de Andrade Martins

Portobrás, 1969

Marcos Paulo Cereto e Luiza Martins P. dos Santos

O canteiro experimental como prática acadêmica para valorização das técnicas construtivas tradicionais

Ingrid Braga e Izabel Nascimento

As edificações institucionais de Vilanova Artigas na cidade de Macapá

José Alberto Tostes e Ana Paula Cunha Tavares

Os primeiros modernos: edifícios institucionais no centro histórico de São Luís.

Grete Pflueger e Larissa Mota

Os primeiros modernos: edifícios institucionais no centro histórico de São Luís.

Lúcia Moreira do Nascimento

3. Amazônia Moderna

36

A influência e contribuições da mata resiliente, para os níveis de conforto térmico:

Estudo de caso Centro Universitário Luterano de Palmas

Leonardo de Almeida Santiago e Thyago Phellip França Freitas

Diferenças e Semelhanças entre Chandigarh, Brasília e Palmas

Antonio W Fernandes da Silva

Habitação coletiva e a construção do espaço habitado: o caso do setor central de Goiânia (1950-1970)

Elana da Silva Romualdo e Eline Maria Moura Pereira Caixeta

As imagens do Moderno em São Luis pelo álbum de Miécio Jorge, de 1950.

Grete Pflueger e Livia Furtado

O perfume do caju: algumas reflexões sobre quadras e praças de Palmas

Juliana Pugliesi Furtado Queiroz, Ludmila Benedetti Furtado e Jose Artur D'Alo Frota

A permanência do moderno e as referências brutalistas em obras dos primeiros arquitetos formados na UFFA

Celma Chaves e Cybelle Salvador Miranda

Técnicas bioclimáticas na região amazônica: O caso do Retiro Tagaste em Marituba/PA

Alexandre Leitão Santos e Barbara Gonçalves Guazzelli

Macapá: a cidade modernista do período Janarista de 1944 a 1955

José Alberto Tostes e Alice Agnes Weiser

Hotel Central - O Moderno na Praça Pedro II - Núcleo Fundacional da Cidade de São Luís

Rosilan Mota Garrido

Celma Chaves (celma_chaves@hotmail.com)

Glenda Souza (glenda.qba@gmail.com)

Universidade Federal do Pará

O percurso da modernidade arquitetônica de Camilo Porto de Oliveira: do privado ao público, da diversidade à simplificação formal

Em uma cidade ainda sob o influxo do processo de desestabilização econômica, no período pós economia da borracha, a década de 1930 sinaliza novos intentos de modernização urbana, por obra das políticas que o então governo Vargas adotaria nas principais cidades brasileiras. É nessa conjuntura econômica e sociocultural que um novo grupo social de comerciantes, no âmbito privado, e o novo poder municipal e estadual no âmbito público, adotam, por distintas razões, as formas e soluções da arquitetura moderna. A partir dessas circunstâncias, prepara-se o contexto para que o então engenheiro Camilo Porto de Oliveira proceda de maneira mais substancial às realizações de seus projetos e obras, iniciando com o projeto da Casa Moura Ribeiro em 1949. O objetivo deste estudo é analisar o percurso projetual residencial e institucional deste engenheiro entre os anos de 1949 e 1970. Durante esse período, seus projetos e obras construídas apresentam mudanças que denotam questões importantes, tanto na sua trajetória profissional, como na conjuntura sociocultural e econômica da cidade de Belém. Evidencia-se como relevante as relações evidentes desse engenheiro e depois arquiteto com os dirigentes das instituições para as quais projetava, uma das motivações para tantos encargos recebidos, seja no âmbito público ou no privado. A partir do estudo dessa produção arquitetônica, desenvolvida a partir das etapas de recuperação de projetos, redesenhos, visitas in loco, levantamentos e observações comparadas entre obras, foi possível constatar as distintas maneiras que Camilo Porto pôde operar em sua concepção projetual. Desde suas primeiras obras particulares em que nos apresenta de maneira quase alegórica elementos e formas modernas, até as últimas obras públicas e privadas em um modernismo, diríamos, menos estetizante e mais simplificado do final da década de 1960. Nos interessa nesse percurso dois momentos que indicam as filiações e referentes de sua produção, visto que estas sintetizam as

mudanças que observamos nos processos conceptivos de sua arquitetura, o que se corresponde também com as próprias transformações que se apresentam local e externamente. O primeiro inclui os primeiros edifícios privados e públicos modernos projetados e construídos no final da década de 1940 e na década de 1950, período no qual era evidente a recepção e difusão de uma arquitetura moderna nos moldes do que se fazia nos “centros difusores”, a própria disponibilidade material e econômica das classes mais abastadas, aliadas a um pensamento de modernidade local observado nesse momento. Posteriormente, já na década de 1960 suas obras suscitam novas interpretações, visto que estão inegavelmente vinculadas à sua nova trajetória profissional, agora associado a um novo parceiro de trabalho, o engenheiro Antônio Couceiro, e à nova titulação que recebe do curso de adaptação para engenheiros realizado no recém fundado curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará em 1964. As transformações e as continuidades desse percurso são os enfoques deste artigo.

Palavras-chave: Manaus; Arquitetura Bioclimática Amazônica; Conforto Ambiental.

Bruna Meneses (brunacameneses@gmail.com)

Estéfani Marx (esteeefanim@gmail.com)

Patrícia Orfila B. dos Reis (patriciaorfila@uft.edu.br)

Universidade Federal do Tocantins

A modernidade na obra do Arquiteto Pedro Lopes

O presente artigo é parte da pesquisa intitulada “Tradição e Modernidade: o processo de formação e desenvolvimento da arquitetura no Tocantins”, que investiga cidades tocantinenses no aspecto da identificação da arquitetura moderna e tradicional, principalmente Araguaína, Porto Nacional, Monte do Carmo, Natividade e Palmas. A capital do estado é objeto de estudo do Grupo de Pesquisa de Arquitetura Contemporânea (GPAC) desde 2005, em que foi iniciado o estudo da categoria arquitetônica residencial, dentro da proposta de levantamento que também abrangia as categorias institucional e comercial. Em um novo cenário, passados dez anos, a cidade voltou a ser enfoque, primeiramente com a discussão sobre o conceito de moderno nos edifícios oficiais da Praça dos Girassóis, e em seguida com o estudo dos autores e as influências da arquitetura de outros estados nas obras projetadas. Nessa perspectiva, dá-se a escrita sobre a vida e obra do arquiteto peregrino Pedro Lopes Junior, que veio do interior de São Paulo e chegou em Palmas ainda em sua fase inicial de implantação. Graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), tem escritório próprio, é pioneiro e professor efetivo da Universidade Federal do Tocantins, onde leciona na área de projeto. Há no caráter de seus edifícios características referentes à arquitetura paulista, que se conjugam a elementos de proteção contra os rigores climáticos, como o uso dos brises soleil, a preocupação com a ventilação natural, cruzada e orientação solar. O conjunto evidencia a importância que teve o estudo e a aplicação de diretrizes que ressaltam o conforto ambiental, uma vez que a cidade se localiza em zona quente-úmida e o clima é hostil. Dessa forma, considerando a importância das obras do arquiteto para o estudo do patrimônio moderno tocantinense, define-se um recorte entre projetos institucionais e residenciais. Foram escolhidos o Tribunal Regional Eleitoral (1996/1997), projeto de Pedro Lopes Junior e Edison Eloy de Souza; Escola de Ensino Médio (1993), outro projeto feito em conjunto com Eloy, esta que foi distribuída em cinco blocos, prezava a

qualidade ambiental e os espaços de convivência atualmente abriga o Colégio Militar; e duas casas, uma sendo a primeira obra do arquiteto, ainda em São Paulo, e a segunda que foi destacada como relevante em sua carreira profissional, em Palmas-TO. Assim, este artigo pretende relacionar o contexto histórico da formação acadêmica de Pedro Lopes, as influências da arquitetura moderna paulista e as especificidades da região amazônica na descrição das obras destacadas.

Palavras-chave: vida e obra; Pedro Lopes; modernidade.

Ricardo Silveira Castor (ricardo.scastor@gmail.com)

Ana Vittori Frigeri (anavfrigeri@gmail.com)

Maria Bárbara Thame Guimarães (mbtguimaraes@gmail.com)

Universidade Estadual de Mato Grosso

Patrimônio Arquitetônico da UFMT: obras inaugurais

O artigo tem como objetivo empreender uma análise das obras arquitetônicas que marcaram a criação do primeiro campus universitário da cidade de Cuiabá, hoje pertencente à Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). O trabalho consiste em descrever e caracterizar os projetos inaugurais e o plano diretor original da então Universidade Estadual de Cuiabá, criada pelo governo Pedro Pedrossian (1966-1970) e federalizada em 1970. Ao resgatar a história de construção do campus, espera-se demonstrar a relevância da sua arquitetura originária no processo de desenvolvimento urbano da capital mato-grossense e de modernização da cultura regional. Com o intuito de direcionar o crescimento da cidade para o sul, a construção do campus representou um marco na expansão urbana de Cuiabá, tanto quanto no processo de renovação da produção arquitetônica do Estado. Sua execução passou por diversos entraves. A princípio, foi alvo de um malogrado concurso de projetos conduzido pelo Departamento de Obras Públicas do Estado (DOP-MT). Ato contínuo, o governo estadual encomendou ao arquiteto Oscar Niemeyer um projeto completo para o campus cuiabano. Entretanto, a proposta do arquiteto carioca resultou demasiadamente onerosa, considerando-se as limitações orçamentárias do Estado à época e as dificuldades técnicas advindas do persistente isolamento geográfico do seu território. Por fim, os arquitetos então lotados no DOP, Oscar Arine e Armênio Arakelian, foram encarregados da elaboração do plano definitivo para o campus. Além desse plano, parcialmente inspirado na proposta de Niemeyer, a pesquisa aborda duas outras obras projetadas pelos mesmos arquitetos: um conjunto de blocos didáticos, composto de salas de aula, pesquisa e serviços de apoio (atual ICHS) e o antigo restaurante universitário, hoje sede do Museu Rondon. A pesquisa abarca, ainda, o parque aquático projetado pelo arquiteto Avedis Balabanian, em 1969, conjugando piscina olímpica, vestiários e arquibancadas. A problemática do trabalho deriva do desconhecimento e conseqüente desvalorização do legado da ar-

quitetura moderna em Mato Grosso, agravados pela necessidade de preservação do seu acervo, haja vista a recorrente descaracterização dos edifícios do período. O resgate da história de construção do campus universitário busca, portanto, a preservação e reconhecimento do patrimônio moderno mato-grossense, expondo seu contexto de origem, suas influências e repercussões em nível regional e nacional. O trabalho de catalogar as obras em análise foi antecedido de levantamento de documentos, registros fotográficos, dados referentes aos projetos, à execução e eventuais alterações sofridas pelas obras, considerando ainda o pioneirismo dos arquitetos paulistas e mato-grossenses que os conceberam. As obras foram representadas por meio de maquetes (físicas e digitais) e da produção de um material gráfico que reúne os desenhos arquitetônicos e um levantamento fotográfico mais recente, permitindo comparar as condições originais e atuais dos edifícios. A partir desse material iconográfico, o trabalho poderá contribuir para a construção de um banco de dados acerca do patrimônio arquitetônico moderno de Mato Grosso.

Palavras-chave: arquitetura moderna em Mato Grosso; campus UFMT; preservação do patrimônio moderno.

Gisele Lima Franco (limagiselefranco@gmail.com)

Universidade Estadual do Maranhão

A modernidade dos Bangalôs na renovação urbana de São Luís

São Luís é reconhecida como cidade patrimônio mundial, devido ao seu acervo de prédios coloniais de origem portuguesa. No entanto, nas redondezas desse patrimônio, inúmeros exemplares modernos estão inseridos, representando parte importante da história da cidade e do crescimento econômico e urbano do início do século XX. Desse modo, por conta da proteção exclusiva ao patrimônio colonial, o poder público negligencia os demais imóveis não pertencentes à essa categoria, uma vez que, nas edificações modernas as alterações arquitetônicas são mais oportunas e sem proteção. A abordagem deste trabalho é demonstrar a importância dos bangalôs no contexto urbano moderno, inseridos desde os novos eixos de renovação urbana, executados pelo prefeito Paulo Ramos entre os anos de 1936 e 1945, consistindo assim, em catalogar alguns exemplares desta época no Centro Histórico de São Luís, privilegiando imóveis da Rua do Egito e Avenida beira mar, trechos que evidenciam o crescimento urbano da cidade durante o período moderno. O bangalô foi uma tipologia adotada durante esse período de modernização, como forma de elevação social das famílias em São Luís no Maranhão, no início do século XX, em contraponto ao padrão de moradia colonial, padrão esse que não mais atendia às necessidades da vida moderna e recebia influências arquitetônicas de outros meios, como o cinema norte americano, por exemplo. Através desses edifícios, pode-se testemunhar como os moradores do nordeste do Brasil se apropriaram dos estilos de essência europeia, para uma adaptação ao movimento moderno nacional propriamente dito. Estes estilos estão dentro de um novo conceito de “outras modernidades” que incluem o neocolonial, o eclético e a arquitetura moderna, de acordo com as características marcantes de cada edificação. Em sua essência, o bangalô é uma residência de dois pavimentos, com recuos laterais e frontais, varanda, elementos decorativos na fachada e construção mista, características distantes da tipologia predominante no Centro Histórico de São Luís. Outro ponto importante, sobre as adaptações sofridas na

tipologia do bangalô, desde a sua origem norte americana ao uso na cidade de São Luís, são como esses imóveis modernos estão modificados atualmente na dinâmica social e urbana do século XXI. Dessa forma, dentre as transformações mais evidentes, está a transição do uso residencial para comercial, transformação que passa a atender à demanda imobiliária do mercado, no entanto, desmerecendo o valor histórico desses edifícios, por apresentar uma descaracterização gradual dos mesmos. Dessa maneira, o artigo resultante de uma pesquisa voluntária de bolsa PIBIC UEMA para a catalogação dos bangalôs, tem por meta apresentar um recorte da relação desses imóveis na capital do Maranhão e realizar um parâmetro da sua atual situação quanto ao seu uso no contexto urbano. Logo, o referido artigo tem por finalidade destacar a importância da valorização dos edifícios do período moderno no Brasil.

Palavras-chave: bangalôs; arquitetura moderna; arquitetura.

Lúcia Moreira do Nascimento (luciamnascimentoarq@gmail.com)

Adriana Silva Santana Mendonça (drik.mendonca@gmail.com)

Universidade Estadual do Maranhão

Arquitetura Vertical em São Luís: os Arranha-céus e a construção do moderno

O presente artigo apresenta a arquitetura dos primeiros arranha-céus da cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, a partir de três casos particulares de arquitetura modernista, implantados entre as décadas de 1950 a 1970. São Luís iniciou seu processo de modernização na segunda metade do século XIX com a implantação de serviços públicos de energia elétrica, distribuição de água encanada e implantação de transporte urbano (bondes elétricos) e, por intervenções nos espaços públicos. Com relação à arquitetura, esse processo ganhou força no início da década de 1940, com as obras previstas no “Plano de Melhoramentos e Remodelação da Cidade” (1936) de autoria do Engenheiro Otacílio Saboya Ribeiro, que foi pautado nos ideais de higienização, circulação e embelezamento, e que previa grandes mudanças na cidade com o intuito de transformá-la numa capital moderna, por meio da ampliação das vias existentes e criação de novos eixos de movimento pendonal. Essas intervenções urbanas possibilitaram o surgimento de novas linguagens arquitetônicas que deram a cidade uma imagem moderna. As primeiras construções modernas surgiram a partir da década de 1940, e eram caracterizadas por possuírem de um a três pavimentos, geralmente de uso residencial unifamiliar ou misto (comercial e residencial). O processo de verticalização se deu no final da década de 1950 com a construção dos primeiros arranha-céus que modificaram a paisagem urbana da capital maranhense. Este artigo visa analisar e identificar os princípios da arquitetura modernista implantado em três arranha-céus que foram construídos para atender diferentes usos, são eles: o Edifício João Goulart, onde funcionou a antiga sede do INSS, o edifício Caiçara, de uso residencial e o Edifício Colonial de uso comercial e de escritórios. O estudo acerca dessas edificações justifica-se pela importância em divulgar a arquitetura modernista da cidade de São Luís, marcada pela sua arquitetura colonial, e pela a inexistência de trabalhos aprofundados sobre as referidas edificações. Para tal, foram

realizados pesquisa bibliográficas, histórica e documental. Os edifícios são o documento essencial a pesquisa, permitindo a constatação de diversos aspectos formais, funcionais e técnicos e construtivos, através do redesenho digital de plantas baixas e fachadas. Por fim, pretende-se com este trabalho contribuir com ações em torno da preservação de bens que compõem o patrimônio cultural moderno da capital ludovicenses.

Palavras-chave: arranha-céus; modernismo; São Luís.

Graciete Costa (gracietegcosta@gmail.com)

Antonio Rodrigues (joerodrigues@mac.com)

Universidade Federal de Roraima

Os Arquitetos Modernistas em Manaus Arquitetura Moderna na Amazônia

O estudo faz parte de um trabalho sobre o patrimônio arquitetônico e urbano da cidade de Manaus. No período de 1967 a 1990 identificou-se os principais acontecimentos relacionados com a Arquitetura Moderna e a história econômica mais recente do Amazonas, que após o apogeu da borracha, caracterizou-se pelo advento da Zona Franca de Manaus - ZFM. A arquitetura moderna de Severiano Mário Porto já foi amplamente identificada, e continua sendo estudada, mas falta a produção, nesse tema, de outros arquitetos que trabalharam na construção desse espaço, à época, não ocupado na Região Amazônica. O objetivo desse trabalho foi verificar quem foram esses arquitetos e qual a arquitetura moderna que eles produziram. Por meio da análise de acervo técnico e de material bibliográfico disponível, a comunicação explora o resultado da contribuição dos arquitetos: David Rodney Lionel Pennington - Sede do INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1976-1983); Cesar Oiticica & Ivan Pimentel Arquitetos Associados - CODEAMA (1965); Sergio Bernardes – Hotel tropical de Manaus; Ivanete Cintra Machado - Conjuntos de Habitação Coletiva (1977); Edunyra Assef - Restauração e Reforma do Museu da Cidade de Manaus (1982); Mario Alvise Tedesco - Conjuntos Habitacionais (1981); José Henriques Bento Rodrigues (já falecido) - Manaus Moderna (1983-1988); Agesilau de Souza Araújo - Sede da Justiça Federal do Amazonas; Regina Maria Lopes Pereira Lobato - Centro de Atendimento do IPASEA (1983); Roger de Souza Abraham – Residências Modernistas (1984); José Carlos Bonetti - Reformulação de Diversas Praças em Manaus (1984) apenas para citar alguns. Resultados apontam que a arquitetura moderna produzida em Manaus e seu processo construtivo contribuíram para um novo modelo desta arquitetura, o que promove um alargar de fronteiras, vinculando-se às séries de expectativas sociais, econômicas e culturais que encontraram na Arquitetura Moderna sua expressão-mor.

Palavras-chave: Manaus, arquitetura moderna, amazônia.

Ana Cynthia Sampaio da Costa (cynthia.s@hotmail.com)

Regina Andrade Tirello (rtirello@gmail.com)

Universidade Estadual de Campinas

Conservação do patrimônio arquitetônico modernista: o caso da vila serra do Navio-AP

O presente artigo aborda o tema da conservação do patrimônio arquitetônico modernista, que ganhou grande importância nos últimos anos do século XX. O reconhecimento desta categoria de patrimônio e seus valores históricos, artísticos e memoriais geram debates ainda em uso sobre a aplicabilidade das recomendações internacionais de conservação sobre a produção arquitetônica modernista. Nesta perspectiva, adota-se como objeto do estudo a Vila Serra do Navio, uma company-town localizada em meio a selva amazônica, que foi construída como parte da infraestrutura do grande empreendimento de mineração de manganês que ocorreu no estado do Amapá na década de 1960. A empresa ICOMI – Indústria e Comércio de Minérios S.A –, responsável pela mineração contratou o arquiteto paulista Oswaldo Arthur Bratke para a criação do projeto dessa vila que funcionaria de abrigo aos funcionários e operários da empresa e suas famílias. Como a mineração se localizava em uma região isolada, foi projetada uma infraestrutura completa de cidade, com escola, hospital, centro cívico, supermercado, clubes, campo de futebol, igreja, além das habitações em diversas tipologias. Entretanto, após o encerramento das atividades de mineração, a empresa retirou-se do local em 1997, fato que desencadeou um período de indefinição sobre a posse dos bens que pertenciam à ICOMI no Amapá incluindo todos os bens da vila. Em simultâneo, iniciou-se um processo de descaracterização e degradação das edificações e dos espaços públicos da vila. Felizmente, a Vila Serra do Navio foi reconhecida como patrimônio cultural pelo IPHAN em 2010, o que representa apenas um passo para sua conservação. O problema desta pesquisa consiste nos desafios que hoje são encontrados para a efetiva conservação do patrimônio arquitetônico modernista da Vila Serra do Navio. Percebe-se para tanto, a necessidade de se explorar e divulgar sobre a situação atual deste bem contextualizando com as teorias e recomendações de conservação patrimonial. Em suma, problema dessa pesqui-

sa consiste na seguinte questão: que fatores desafiam a conservação do patrimônio modernista da Vila Serra do Navio? O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o estado atual e original da Vila Serra do Navio para identificar e refletir sobre as diretrizes das teorias da conservação e cartas patrimoniais que contribuam para a conservação deste patrimônio. O método da pesquisa é histórico-documental, utilizando-se de dados coletados in loco, e em instituições responsáveis pela gestão do patrimônio em questão. São também consultadas as recomendações patrimoniais, tais como as cartas do ICOMOS, e as teorias que as sustentam. Ao patrimônio modernista da Vila são atribuídos valores históricos artísticos e culturais que devem ser preservados por serem importantes para a constituição da identidade e memória local que também tem importância nacionalmente reconhecida. Nesta perspectiva, a relevância desta pesquisa consiste em gerar uma reflexão sobre prática de conservação dos exemplares de arquitetura modernista da Vila Serra do Navio.

Palavras-chave: patrimônio cultural; arquitetura moderna; Vila Serra do Navio.

Josélia Alves (joselialves@uol.com.br)

Universidade Federal do Acre

Habitação popular em madeira: avaliação pós-ocupação na cidade de Rio Branco-AC

Este trabalho consiste numa avaliação das moradias de um Conjunto Habitacional, construído em 2011 pelo Governo do Estado do Acre na cidade de Rio Branco, realizada pelos alunos do Curso de Bacharelado em Engenharia Civil da UFAC. Através de uma avaliação pós-ocupação-apo, foi aplicado um questionário aos chefes de família e feitas observações quanto a qualidade e condições das moradias, reformas e ampliações realizadas, levantamento fotográfico, além de buscar conhecer a opinião e a satisfação dos moradores. As casas são constituídas por dois quartos, sala/cozinha com cobertura em telhas de fibrocimento e apenas o banheiro em alvenaria. O resultado aponta para muitas avarias e patologias dos elementos construtivos em madeira, seja no piso, paredes, forro e esquadrias. Foram constatados problemas tanto no projeto arquitetônico como na execução das habitações. Destaca-se as condições da madeira utilizada, empregada na maioria das vezes, sem o processo de secagem adequado. Os moradores reclamam do tamanho da casa e do terreno e da localização do Conjunto. Apesar da maioria dizer que gosta do material de sua casa, aqueles de maior poder aquisitivo, reformam e ampliam substituindo aos poucos a madeira pela alvenaria. Mas a grande maioria dos moradores, de baixíssima renda, vai adaptando e fazendo pequenas reformas utilizando a própria madeira. Conclui-se que existe deficiência na aplicação da madeira, e que isto pode estar contribuindo para o preconceito quanto ao uso deste material na construção civil. Faz-se necessário maior investimento em tecnologia e capacitação técnica para o aprimoramento dos projetos e sua execução, além de maior controle de qualidade do material utilizado em todas as suas etapas.

Palavras-chave: avaliação pós-ocupação; habitação em madeira; Rio Branco-AC.

Victória Reis Carvalho (victoriareis14@gmail.com)

André de Barros Coelho (professorandrecoelho@gmail.com)

Kevin Silva Cordeiro (kevinscordeiro@gmail.com)

Letícia Martel Kuwahara (leticiakuwahara25@hotmail.com)

Universidade Federal do Amapá

Detalhes construtivos de Oswaldo Bratke em Serra do Navio-AP

O artigo objetiva realizar a catalogação de elementos arquitetônicos presentes na Vila Serra do Navio a partir do repertório das referências disponíveis para sua caracterização e análise. Em visita técnica, será procedido levantamento de dados complementares quanto ao estado físico atual dos detalhes construtivos, registros fotográficos e representação gráfica. Serra do Navio-AP está localizada na região central do Amapá e alcançou relevância nacional com a descoberta de manganês em 1940 e com início da extração pela ICOMI (Indústria de Comércio e Minério) em 1953. Houve assim a necessidade de criação de duas vilas industriais: Amazonas e Serra do Navio, cujo desenvolvimento do projeto ficou a cargo do escritório de Oswaldo Arthur Bratke. A Vila de Serra do Navio foi tombada como Patrimônio Cultural do Brasil em 2010 com o intuito de proteger os traços e particularidades da vila, que apresenta desenho urbano e arquitetônico de traços regionais aliados à linguagem formal modernista praticada em todo o mundo. Como conjunto arquitetônico modernista, a vila apresenta características do regionalismo crítico, vertente do movimento moderno que apresenta resistência ao racionalismo exacerbado e à universalização do edifício. Bratke, por meio de viagens pela região em observação para compreender os hábitos, elementos e técnicas adotadas nas casas locais, principalmente sobre palafitas, montou repertório aliando os conhecimentos projetuais da época ao modo de fazer amazônico. Ao mesmo tempo, suas obras já carregavam apropriação das técnicas modernistas de forma organicista e crítica, o que possibilitou resultado equilibrado entre o Moderno e o regional. Com o acervo da sua principal fonte de inspiração, advinda da costa-oeste americana, nas produções de Marcel Breuer com o uso predominante da madeira e soluções eficientes, foi possível criar essa esfera integradora entre a floresta e as edificações. Sua iniciativa projetual se deu na busca de referências em outras localidades onde também implantavam-se “Company Towns”, retirando destas conhecimentos que contribuíssem para a elaboração das planilhas de dimen-

sionamento dos núcleos habitacionais e dos demais equipamentos urbanos. Adotou ainda o estudo das condicionantes físicas e climáticas da região com o intuito de escolher materiais e técnicas construtivas adequadas ao contexto inserido, definidas, porém, principalmente por questões econômicas. Quanto ao partido do projeto urbanístico, percebe-se na distribuição das edificações uma influência das cidades-jardins, sendo as casas dispostas de forma não retilínea, mas de acordo com a conformação do terreno, evitando-se a monotonia. Também optou pela não terraplanagem, tirando proveito dos desníveis para o sistema de esgoto adotado. O projeto previa área de expansão para evitar a descaracterização. Nos detalhes construtivos, o arquiteto propôs soluções comuns à maioria das edificações, dentre elas o telhado de duas águas, os beirais projetados de acordo com diagramas de insolação, as venezianas fixas ou móveis, os elementos vazados, as telas, o forro de madeira, o forro ventilado, a empena vazada, as divisões internas baixas e os embasamentos recuados para evitar a formação de fungos.

Palavras-chave: Serra do Navio; movimento moderno; regionalismo crítico; Oswaldo Bratke; detalhes construtivos.

Marcos Paulo Cereto (mcereto@hotmail.com)

Vasilka Nahimova Espinosa (vasilka.espinosa@gmail.com)

Universidade Federal do Amazonas

Restaurante Chapéu de Palha

O ensaio é fruto do projeto de Iniciação Científica desenvolvido junto ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Tecnologia na Universidade Federal do Amazonas, que estuda as relações entre a arquitetura moderna na Amazônia e a obra de Severiano Porto. A obra em análise é o restaurante Chapéu de Palha, projeto de 1967 e inaugurado no dia 24 de fevereiro de 1968 em Manaus. O edifício com valor arquitetônico e simbólico foi premiado pelo IAB/GB na categoria edifícios para fins recreativos em 1967. O arquiteto tem origem mineira, nascido em 19 de fevereiro de 1930 em Uberlândia, formado pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, e atuava desde 1965 na Amazônia. Após anos de ostracismo econômico e cultural com o término do ciclo da borracha, a implantação da Zona Franca de Manaus, em 1957 e da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), em 1967, incorporando incentivos fiscais, a cidade foi novamente impulsionada para um novo ciclo econômico. Com esse crescimento, a possibilidade de novas demandas arquitetônicas em uma cidade que desde a queda da borracha não mais acompanhava a modernização arquitetônica no país. O restaurante foi concebido para uma rápida execução, um baixo custo e o uso de materiais locais, os quais eram de fácil emprego e com abundante mão de obra. Foram utilizadas peças de aquariquara, largamente utilizadas para os postes públicos e a palha de palmeira. As fundações eram de sapatas de concreto aparente com pinos metálicos que se encaixavam no centro das peças de madeira. Essa foi a primeira obra com o formato de planta baixa circular do arquiteto. As peças encontravam-se inclinadas em ângulo determinado, unidas por um ponto central. A ambientação interna do edifício era artesanal com mesas de madeira, cadeiras de vime e luminárias com formato de chapéu. Este restaurante transformou-se em atração turística na cidade de Manaus pela inovação na utilização dos materiais e das tecnologias construtivas. É possível afirmar que a obra contribuiu com a permanência de

Severiano Porto na cidade, por permitir outras demandas. A singularidade do Chapéu de Palha leva-nos a discussão sobre a preservação do patrimônio moderno, que mesmo demolido, representa um marco na arquitetura brasileira. Por esse motivo, o ensaio apresenta a pesquisa historiográfica, a revisão bibliográfica, o redesenho e a modelagem para ampliar as informações existentes sobre essa importante obra da arquitetura moderna na Amazônia.

Palavras-chave: arquitetura moderna; Severiano Porto; amazônia.

Marcos Paulo Cereto (mcereto@hotmail.com)

Bruna Lopes de Andrade Martins (b.lopesandrade@gmail.com)

Universidade Federal do Amazonas

Pousada na Ilha de Silves: a arte de construir na Amazônia

O ensaio compõe um projeto de Iniciação Científica desenvolvido no curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas, e aborda as questões entre a Arquitetura Moderna na Amazônia e a obra de Severiano Mário Porto. O arquiteto forma-se no Rio de Janeiro em 1954 e em 1965 vem para a Manaus a pedido do então governador do estado Artur Ferreira Reis, onde teve papel protagonista na arquitetura da Amazônia. Uma das obras realizadas na região foi a Pousada da Ilha de Silves, localizada no município distante 212 km de Manaus, projetada em 1979 com o arquiteto Mario Emílio Ribeiro, e com a colaboração de Luis Cesar Monken e Dulce Daou. Um hotel de pesca era considerado estratégico no final da década de 60 para o ecoturismo da região, que vislumbrava novas oportunidades a partir do desenvolvimento da Zona Franca de Manaus. A pousada, concluída em 1982 com mão de obra local, é um exemplo onde a interação entre a tradição e a modernidade ficam mais evidentes, considerando a localização remota e imersa na floresta. Nela, Severiano Porto emprega uma forma circular familiar ao arquiteto que, no período inicial de sua trajetória na Amazônia, foi utilizada nos edifícios do restaurante Chapéu de Palha e da sede administrativa do Departamento Nacional de Portos e vias Navegáveis – DNPVN. O feito esférico proporciona uma abertura central que funciona como ponto de convivência, para a qual as acomodações estão direcionadas, sendo o conjunto protegido por uma vasta cobertura de duas águas, além de propiciar a troca de ar pela ventilação cruzada. Os materiais utilizados são locais, como de costume no trabalho do arquiteto, portanto a estrutura foi composta de troncos, roletes e madeira lavrada, a cobertura era em cavaco, as paredes foram feitas em alvenaria e há poucos elementos em concreto, como piso dos banheiros e forro da cozinha, que são apoiados em entalhes feitos nas colunas de madeira. O projeto destaca-se ainda por ter permitido ao arquiteto receber o prêmio do IAB/RJ em 1982, na categoria de obra construída, e o “Premio Universidad

de Buenos Aires” na Bienal de Arquitetura de Buenos Aires em 1985, além do edifício ter sido tombado pelo Estado do Amazonas em 18 de fevereiro de 2016. Diante disso, é necessário reconhecer e valorizar a obra para promover elementos que incentivem a sua conservação sem perder a contemporaneidade das novas necessidades e usos. Através da análise historiográfica, revisão bibliográfica, do redesenho, da modelagem do projeto e das considerações sobre o construído pode-se disponibilizar aos estudantes, pesquisadores e comunidade em geral informações para a teoria, crítica e também para o ato de projetar em arquitetura.

Palavras-chave: arquitetura moderna; Severiano Porto; amazônia.

Marcos Paulo Cereto (mcereto@hotmail.com)

Luiza Martins P. dos Santos (luizasantos739@gmail.com)

Universidade Federal do Amazonas

Portobrás, 1969

O artigo é produto da pesquisa de Iniciação Científica sobre Severiano Porto e a Arquitetura Moderna na Amazônia, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas, com o intuito de reconhecer, analisar, preservar e divulgar o patrimônio moderno, demolido ou existente, no estado do Amazonas e na região amazônica. Severiano Mario Porto é mineiro formado na Faculdade Nacional de Arquitetura pela turma de 1954. Em 1965, o arquiteto iniciou a sua trajetória na região amazônica convidado pelo governador do estado do Amazonas Artur Ferreira Reis para a realização de projetos. Nos 36 anos de serviços prestados no Amazonas, Severiano Porto projetou diversos temas, de residências a edifícios institucionais e recebeu prêmios importantes na arquitetura brasileira e internacional. O contexto do final da década de 60 foi marcado pela implantação dos incentivos fiscais para a Zona Franca de Manaus que proporcionaram ao arquiteto demandas profissionais. A experimentação, o uso dos materiais e das tecnologias construtivas locais permitiram ao arquiteto um destaque nacional. Os edifícios para o Departamento Nacional de Portos e vias Navegáveis – DNPVN foram projetados em 1969 e concluídos em 1972. Nesse mesmo ano o DNPVN, passou a ser chamado de Portobrás. Os edifícios estão na região militar na Estrada da Ponta Negra junto ao rio Negro. Atualmente, abriga o Quartel General da 12ª Região Militar. O projeto com sede administrativa, alojamentos, áreas esportivas e abastecimento de água foi construído parcialmente. A sede administrativa da Portobrás, objeto de investigação do artigo, apresenta uma planta circular embasada em um muro de arrimo em pedra-jacaré, arenito típico da região, que apoia as estruturas em concreto aparente, as vedações e as esquadrias em madeira. A experiência do arquiteto com a planta circular foi repetida após o Restaurante Chapéu de Palha, premiado em 1967 pelo IAB/GB e posteriormente utilizada na Pousada Guanavenas, premiada em 1982. A metodologia utilizada para a análise inclui a revisão historiográfica, a consulta as fontes primárias

e utiliza o redesenho e a modelagem do edifício e seus anexos como base para a compreensão dos processos projetuais. Permite valorizar e aprender com a obra que permanece e encontra-se em razoável estado de conservação. A poética de todo o projeto está sintetizada na planta circular e na implantação, que permite a contemplação, a integração à paisagem e ao lugar fatores evidentes nas obras de Severiano Mario Porto.

Palavras-chave: arquitetura moderna; Severiano Porto; amazônia.

Indrid Braga (ingridbraga69@gmail.com)**Izabel Nascimento** (izabel.nas13@gmail.com)Universidade Estadual do Maranhão

O canteiro experimental como prática acadêmica para valorização das técnicas construtivas tradicionais

A universidade é um espaço aberto para saberes e fazeres, é um espaço que transforma, que promove, que inova. É espaço para pluralidade de ideias, de trocas, de articulação e, é o espaço de experimentação, de apreensão e de construção. Os espaços acadêmicos que trabalham a forma e modos de habitar precisam resgatar dentro da transversalidade de suas disciplinas, o modo tradicional de construir. É necessário um reforço crítico sobre modos e formas tradicionais de construir, valorizando materiais construtivos tradicionais e a arquitetura Vernacular. O canteiro experimental como prática acadêmica para técnicas construtivas tradicionais pode ser a oportunidade de ir além da teoria, ensinar na prática, socializar, agrupar, participar. É espaço de reflexão, de tomada de decisões, do processo de criação, de evolução, do engenho e da arte. É soma entre metodologias e técnicas construtivas criativas. O canteiro também não é apenas uma disciplina e nem um espaço para aprender apenas técnicas construtivas. Os trabalhos de canteiro devem sensibilizar os alunos para que eles percebam as relações inerentes ao fazer da construção. A abertura de linhas de pesquisa sobre o tema e experimentações das técnicas tradicionais construtivas, em canteiros nas nossas próprias faculdades precisam se solidificar, pois são espaços de formação construtiva contínua, de vivências e ponte para temáticas transversais de pesquisa e extensão. Hoje há a necessidade de estratégias tecnológicas sustentáveis construtivas e a participação da comunidade no processo para um habitar saudável. Nesse sentido, se ancora o tema do uso das técnicas construtivas tradicionais como prática acadêmica. Este artigo descreve a contribuição da disciplina de Técnicas Construtivas Tradicionais, ministrada no curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual do Maranhão, na formação dos futuros profissionais de Arquitetura, dentro da conscientização sobre a realidade social e cultural de comunidades locais e da importância da valorização de materiais e técnicas de um território, reforça também a

aplicabilidade destes recursos nos projetos desenvolvidos hoje na contemporaneidade. As etapas desenvolvidas no processo em sala de aula se iniciam com o conhecimento do contexto local, estudo das técnicas e materiais correspondentes ao território estudado e posterior proposição de projetos passíveis de execução, com o desenvolvimento de protótipos que demonstram sua aplicabilidade. O envolvimento dos discentes demonstra a urgência em se inserir na academia programas de valorização da cultura local, pelo interesse do alunato em dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos. Sugere-se que o trabalho de canteiro experimental para estudos e manutenção das técnicas construtivas tradicionais deva ser uma prática ampliada em projetos e edificações reais para a materialização da argumentação da eficiência das construções vernaculares.

Palavras-chave: técnicas construtivas tradicionais; canteiro experimental; arquitetura vernacular.

José Alberto Tostes (tostes.j@hotmail.com)

Ana Paula Cunha Tavares (anapaulactvrs@gmail.com)

Universidade Federal do Amapá

As edificações institucionais de Vilanova Artigas na cidade de Macapá

O presente trabalho surgiu como parte dos estudos que vem sendo desenvolvidos na Universidade Federal do Amapá através do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Grupo de Pesquisa Arquitetura e Urbanismo na Amazônia. O trabalho do arquiteto Vilanova Artigas está representado na cidade de Macapá em três momentos: O Batalhão da Polícia Militar do estado do Amapá, a Escola estadual Tiradentes e a terceira no Prédio da Secretaria de Infraestrutura do estado do Amapá. A interpretação e a leitura dos trabalhos do arquiteto foram elaboradas durante a vigência, do então Território Federal do Amapá, que oficialmente teve no período de 1943 a 1988 a sua oficialidade. As obras registradas entre 1970 e 1980, é o período que se pode considerar como uma segunda fase da presença de obras modernistas de grande expressão no Amapá. A principal característica dessas obras é a vinculação institucional, portanto, o contratante dos projetos foi o Governo do antigo Território Federal do Amapá. Para a realização da pesquisa tornou-se necessário realizar um recorrido nos arquivos do atual do Governo do estado do Amapá, bem como nas instalações das edificações. O trabalho constatou grandes modificações em relação ao projeto original elaborado por Artigas, além desse aspecto, não houve por parte da oficialidade nenhuma preocupação em preservar ou manter as condições básicas de originalidade das edificações. Constatou-se que as referidas edificações não têm nenhum destaque como menção em qualquer encarte institucional ou turístico. Os trabalhos que vem sendo realizados foram elaborados pela Universidade Federal do Amapá dando maior destaque para as obras produzidas e o significado para a cidade de Macapá. A discussão conceitual foi desenvolvida com base nos estudos sobre a cidade moderna e contemporânea, tendo como suporte os trabalhos do Grupo de Pesquisa Arquitetura e Urbanismo na Amazônia. O método de trabalho é o historiográfico que permite avaliar os fatos que contribuíram para a contratação das obras de Artigas e os desdobramentos posterior-

res para a história do lugar. A relevância do trabalho está na catalogação das três obras, dando destaque para todo o processo historiográfico de cada uma das obras, possibilitando-se assim, dar conhecimento e o valor sobre a importância para época e a para história da arquitetura da cidade de Macapá. Vislumbra-se com esse propósito possibilitar que o governo do estado do Amapá em conjunto com outras instituições importantes materialize os projetos importantes para inserir o conjunto dessas obras na memória arquitetônica da cidade de Macapá.

Palavras-chave: cidade moderna; Macapá; memória arquitetônica.

Grete Pflueger (gretepfl@gmail.com)

Larissa Mota (larissatmota@gmail.com)

Universidade Estadual do Maranhão

Os primeiros modernos: edifícios institucionais no centro histórico de São Luís.

As Influências do movimento moderno na arquitetura chegaram a São Luís, do Maranhão, lentamente, no contexto da decadência econômica do Estado no início do século XX. Neste período, foram inseridos dentro do conjunto tombado alguns edifícios para abrigar sedes dos órgãos públicos governamentais de instituições federais. De acordo com Segawa (1999) tais projetos modernistas multiplicavam, nas diferentes regiões do país, a nova linguagem do art déco e moderno com a construção de novas sedes para os Correios (1933), para edifícios de empreendedores como Sulacap, dentre outros. No centro histórico de São Luís, citamos a construção de alguns edifícios emblemáticos nas diferentes linguagens do século XX, os Correios e o edifício Sulacap na Rua de Nazaré com influências do Art Déco, e os edifícios: sede do INSS (edifício João Goulart na Praça Pedro II), o edifício sede do Banco do Estado na Rua do Egito e a sede DNER na Rua Jansen Muller em linguagem moderna. Os novos edifícios com características do art déco e do moderno, mudaram a implantação dos prédios no centro, antes alinhados à rua, com uma nova implantação de esquina, valorizando os elementos verticais dos frontões e fachadas geométricas, com ênfase a aerodinâmica, mudando definitivamente a feição colonial do centro. As mudanças iniciadas pelas instituições seriam intensificadas com a as renovações urbanas promovidas pelo prefeito Paulo Ramos no período da “Era Vargas” no Maranhão entre 1937 e 1945 que executou a abertura de avenidas, mudando o traçado em xadrez e estabelecendo as novas linguagens ao longo destes novos eixos urbanos. É deste recorte que trataremos neste artigo que busca chamar atenção aos primeiros edifícios institucionais que transformaram o skyline da cidade colonial e consolidaram a chegada da arquitetura art déco e moderna em São Luís do Maranhão. Esses edifícios foram marcos a arquitetura moderna transformaram a capital, inseriram novas linguagens. Desta forma, reconhecer e contextualizar a chegada da arquitetura e do urbanismo

moderno em São Luís no contexto político das renovações urbanas é um importante instrumento para a preservação da arquitetura do século XX e para o debate sobre o planejamento urbano contemporâneo, que desconhece as iniciativas dos primeiros planos como pioneiros no debate. Esta pesquisa insere-se no projeto de “ideários urbanos e linguagens arquitetônicas do século XX em São Luís Maranhão”, desenvolvido dentro do curso de arquitetura da UEMA, com apoio da FAPEMA, e que tem por objetivo identificar, catalogar e valorizar o acervo do século XX na capital.

Palavras-chave: renovação urbana; arquitetura moderna; arquitetura art déco.

Lúcia Moreira do Nascimento (luciamnascimentoarq@gmail.com)

Universidade Estadual do Maranhão

Os primeiros modernos: edifícios institucionais no centro histórico de São Luís.

São Luís, capital do Estado do Maranhão (Brasil), tem sua imagem ligada principalmente à herança colonial dos séculos XVIII e XIX. Na primeira metade do século XX, São Luís foi objeto de dois planos urbanos que foram inspirados no discurso de modernização vigente, e que estavam atrelados às ideias de progresso científico, tecnológico e das mudanças econômicas e sociais trazidas pelo capitalismo, mas também, pelo abandono dos modelos de composição e distribuição funcional tradicional que estiveram em vigor por séculos. Esses planos foram pautados nos ideais de higienização, circulação e embelezamento, e previram a criação de novas avenidas e ampliação das estruturas do centro histórico com a demolição de casario antigo, a exemplo do alargamento da Rua do Egito e a construção da Avenida Magalhães de Almeida. Nos vazios deixados pela ausência do edificado surgiram novas linguagens arquitetônicas que contribuíram para renovação da paisagem urbana da cidade, o que ocasionou o surgimento de novas linguagens arquitetônicas ao longo destes logradouros, que compreendem o Art Déco, passando pelo ecletismo historicista em fim de linha, até as chamadas manifestações românticas, ligadas à estética do pitoresco e o movimento de cunho nacionalista, como neocolonial e a arquitetura modernista. O Edifício Saluá foi resultado da demolição de casarões coloniais para construção da Avenida Magalhães de Almeida e, apresenta a linguagem Art Déco, sendo a primeira edificação de habitação coletiva verticalizada e de aluguel em São Luís. O estudo acerca dessa nova tipologia arquitetônica implantada na cidade na década de 1950 foi desenvolvido a partir de subsídios conceituais-teóricos, levantamento arquitetônico da edificação que permitiu o redesenho digital de suas plantas baixas e fachadas, de maneira a analisar a sua implantação, composição volumétrica e organização espacial, de modo a investigar a função que cada parte cumpre, isolada e em conjunto com as demais. Essa edificação já apresentava uma série de inovações técnicas construtivos na sua

composição formal, além de apresentar sistema de redes mecanizadas de abastecimento de água e de coleta de esgoto que incorporavam o caráter de modernidade em sua arquitetura. Pretende-se com este trabalho contribuir para o entendimento de um momento singular das novas expressões da arquitetura ludovicense, por meio do Edifício Saluá, mas também demonstrar a importância da preservação e catalogação da arquitetura do século XX, construída na Avenida Magalhães de Almeida, como marco da arquitetura moderna e quem vem sofrendo constantes descaracterizações e deterioração em nossa capital.

Palavras-chave: habitação; arquitetura moderna; art déco.

Leonardo de Almeida Santiago (santiago12@ulbra.edu.br)

Thyago Phellip França Freitas (thyagophellip@ceulp.edu.br)

Centro Universitário Luterano de Palmas

A influência e contribuições da mata resiliente, para os níveis de conforto térmico: Estudo de caso Centro Universitário Luterano de Palmas

O presente artigo tem como objetivo investigar o papel da vegetação, como um agente ativo para a adequação dos níveis de conforto térmico, e como esse mecanismo influencia ao seu entorno imediato e seus benefícios, não só sobre o meio edificado, mas também na qualidade de vida da população nos quesitos psico-fisiológicos e explorando assim, o máximo do potencial da vegetação autóctone, como um agente direto nos níveis do campo térmico. A cidade de Palmas – TO apresenta um cenário térmico com estações bem definidas como C2wA'a' (Subúmido) e B1wA' a' (úmido) conforme a classificação de Thornthwaite estabelecendo que os meses secos se dão entre maio a setembro e os chuvosos entre outubro a abril, com temperatura máxima de 36 °C e mínima de 15,5 °C e média de 26° C. O percurso metodológico adotado pautou-se em coletas distribuídas em 6 pontos localizados dentro do Centro Universitário Luterano de Palmas. Para se estabelecer os pontos, foram utilizados alguns critérios para a avaliação, sendo que os pontos deveriam conter a mesma configuração de cobertura do solo e que a mesma estivesse em áreas arborizadas e descampadas, para se analisar a influência da vegetação. A coleta foi realizada nos horários das 09, 15 e as 21 horas, durante dois dias em outubro. Foi utilizado um termo-higrômetro HT 700 da marca Instrutherm, para aferir a máxima e mínima tanto da temperatura como da umidade do ar. O equipamento utilizado para as coletas foi alocado em um abrigo confeccionado de PVC e recoberto por papel alumínio, para que esse não sofresse influência da temperatura do meio externo. Utilizou-se ainda um termômetro de imagem infravermelho – TG167 da marca Flir para se medir a temperatura da cobertura do solo por meio da emissividade. Após os tratamentos dos dados, o que se pode constatar foi que, em áreas vegetadas a temperatura era menor e a umidade do ar maior e quando analisamos a emissividades dos materiais de cobertura de solo, obser-

va-se também a influência da vegetação. Destacamos que nos pontos onde a cobertura do solo era de terra, se obteve os menores valores e onde era composto de asfalto se tinha os maiores valores de temperatura. Através desses resultados e análises obtidas, observa-se a importância da vegetação nos níveis de conforto e como esse pode vir a contribuir para a arquitetura, de forma de harmonizar o meio construído com o ser humano, além do que essa pode reduzir o estresse térmico causado pelo calor antropogênico.

Palavras-chave: conforto térmico; vegetação; cerrado.

Antonio W Fernandes da Silva (awfsilva@gmail.com)

Universidade Federal do Tocantins

Diferenças e Semelhanças entre Chandigarh, Brasília e Palmas

As cidades de Chandigarh (Índia), Brasília (Brasil) e Palmas (Brasil/Estado do Tocantins) são cidades-capitais surgidas do nada, as duas primeiras são quase contemporâneas, enquanto que a última surgiu três décadas depois. Le Corbusier (1951) foi o projetista responsável por Chandigarh. Já a capital brasileira, oriunda de um concurso nacional de projeto em 1957, cujo vencedor foi o urbanista Lúcio Costa com o projeto de arquitetura de Oscar Niemeyer. E a capital do Tocantins surgiu em 1989, logo após a criação do estado em 1988, projeto do Grupo Quatro de Arquitetura e Urbanismo. São consideradas cidades modernas, entretanto este estudo transcenderá a isso e procurará descobrir mais do que semelhanças, mas diferenças. Primeiramente, é inegável afirmar que a cidade de Palmas não se configura como um espaço modernista. O espaço modernista tem duas versões: i) Dura, que se apresenta com seus espaços segmentados através do enclausuramento e proliferação de barreiras; ii) Suave, cuja separação apresenta-se por intermédio do esgarçamento do tecido urbano e de proliferação de distâncias. Como por exemplo todo o Plano Piloto de Brasília, não apenas na sua escala monumental, mas em todas as escalas do Plano, na gregária, na residencial e na bucólica. Os espaços Duro e Suave divergem pelas seguintes características: i) Espaços desocupados que segmentam a cidade em pedaços descontínuos identificáveis na versão Suave, proliferação de espaços cegos (“mortos”, “perdidos”), enquanto na versão Dura, o tecido urbano é ocupado continuamente; ii) Na versão Suave, baixas taxas de ocupação, em partes contínuas, opõem-se a altas taxas de ocupação na Dura; iii) Esquemas labirínticos constituídos por pequenos segmentos de malha viária na versão Dura, contrariamente na versão Suave, a alta permeabilidade permite longas visuais e fartas opções de percurso para pedestres. A investigação não explorará os processos, pelos quais passaram as cidades, como as ocupações espontâneas, por exemplo, mas o projeto urbano apenas. As três cidades serão abordadas no todo e nas suas partes, utilizando-se do vocabulário da Teoria

da Sintaxe Espacial (SE), isto é, os espaços serão analisados numa perspectiva “global” e “local”. O global refere-se à estrutura da cidade, que é constituída por diferentes partes, como superquadras de Brasília, setores de Chandigarh e quadras de Palmas. O local refere-se às características das partes menores, que neste artigo serão utilizadas uma amostra representativa de quadras e setores mais emblemáticos de cada cidade. Portanto as cidades são analisadas de forma sistemática, levando em consideração as inter-relações entre as frações, como também a parte interna destas frações representativas (Setores, Superquadras e Quadras). O objetivo do artigo é explorar os projetos, entretanto apenas uma parte de cada projeto das três capitais a parte referente ao núcleo “fundador” de cada cidade e, como foi dito, uma amostra de cada núcleo fundador. As cidades de Chandigarh, Brasília e Palmas transcenderam seus “núcleos fundadores”, mas para este estudo serão consideradas apenas as áreas referentes aos projetos iniciais.

Palavras-chave: projeto urbano; configuração espacial; sintaxe espacial.

Elana da Silva Romualdo (arquitetaelana@gmail.com)

Eline Maria Moura Pereira Caixeta (elinecaixeta@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Goiás

Habitação coletiva e a construção do espaço habitado: o caso do setor central de Goiânia (1950-1970)

No final da década de 1950, Goiânia já encontrava-se estabelecida e edificada. Nesse período iniciase o processo de verticalização em consequência das mudanças sociais, culturais e da alta densidade populacional provocada pelos movimentos migratórios. Nesse contexto, o edifício de habitação coletiva, presente inicialmente apenas no Setor Central da cidade, representa uma nova maneira de viver e conceber o espaço habitado. Até os anos 1950, predominavam em sua paisagem, residências unifamiliares e edifícios de apartamentos de dois a três pavimentos, conforme prescrevia o primeiro Plano Diretor, de Atilio Correia Lima. A partir do início dos anos 1960, com os incentivos do Banco Nacional da Habitação, a construção de edifícios de apartamentos em altura passa a modificar essa paisagem, movimento que intensifica-se até o início dos anos 1980, quando principia o processo de decadência da Setor Central, em consequência do crescimento da cidade e do surgimento de novas centralidades urbanas, interrompendo a verticalização que vinha sofrendo esta região. Hoje caracterizado por inúmeros terrenos vazios com a função transitória de estacionamento de automóveis e uma baixa densidade construtiva em contraposição à boa qualidade dos espaços e da infraestrutura urbanas pré-existentes, o Setor Central conta com uma paisagem fragmentada em seus interstícios urbanos, o que vem a prejudicar severamente a qualidade de vida atual de seus habitantes, tornando temerário o futuro desta parte cidade. Fato que reforça a importância do resgate dos projetos e da lógica de “pensar” a cidade, que um dia construíram seu tecido urbano e as especialidades que o compõem. Nesse artigo, propõe-se analisar alguns exemplares de edifícios de habitação coletiva, localizados no Setor Central da cidade, construídos entre as décadas de 1950 a 1970, sob o ponto de vista das relações espaciais que geram com o espaço urbano e edificado, ou seja, da maneira de fazer a conexão urbana entre ‘objeto’ e ‘lugar’; avaliando, em cada intervenção, sua capacidade de produzir, ou não, uma

parte de cidade que promova, não apenas uma mudança quantitativa, mas também uma mudança qualitativa de escala. Em outras palavras, o artigo busca verificar até que ponto estes edifícios se fazem 'solidários' ao urbano e constroem uma nova paisagem capaz de ser habitada. A cidade de Goiânia possui um repertório edificado significativo, examiná-los incitará reflexões sobre as consequências e os compromissos em relação às novas ações.

Palavras-chave: habitação coletiva; arquitetura moderna; história da arquitetura e da cidade.

Grete Pflueger (gretepfl@gmail.com)

Lívia Furtado (liviafurtado505@gmail.com)

Universidade Estadual do Maranhão

As imagens do Moderno em São Luis pelo álbum de Miécio Jorge, de 1950.

O álbum do Maranhão foi organizado pelo Jornalista profissional e membro da sociedade de cultura Artística do Maranhão, Miécio de Miranda Jorge e foi publicado pelo autor em São Luis em 1950. O Álbum constitui uma fonte de pesquisa muito importante e inédita para a arquitetura e urbanismo do século XX, pois documenta todos os prédios construídos no início do século em São Luis. Os novos edifícios retratados pelo fotógrafo demonstram a modernidade que foi a abertura de novas avenidas e a inserção dentro do tecido do centro histórico colonial de novas linguagens arquitetônicas como o art déco e moderno. Estas transformações urbanas e arquitetônicas, em São Luis, foram decorrentes da chegada das novas sedes dos edifícios institucionais e também das obras executadas no período da renovação urbana na “Era Vargas”, na gestão do prefeito Paulo Ramos, entre os anos de 1937 a 1945, que foram idealizadas pelo plano do urbanista Otacílio Ribeiro Sabóia em 1936. Na apresentação do álbum, o autor, ressalta que deseja apresentar uma síntese do Maranhão na metade do século XX, afim de que as gerações futuras disponham de elementos para comparar o Maranhão de sua época com o Maranhão de 1950. Desejava ainda, o jornalista, que o álbum seja incentivador de novas energias, inspirador de novos sonhos do Maranhão do futuro. O álbum produzido e financiado pelo jornalista Jorge relata uma versão mais ampla da atualidade do Estado do Maranhão do que o álbum realizado anteriormente em 1923, realizado e contratado por iniciativa do Governo do Estado ao auditor A. Cavalcanti de Ramalho. A fotografia é um importante documento para catalogação e inventário da arquitetura do século XX, o olhar do fotógrafo e o relato do jornalista identificam a cidade em suas modernidades. As fotos do álbum de Miécio Jorge, são muito pouco estudadas ainda, mas constituem-se em fonte primária de pesquisa e instrumento fundamental a identificação e valorização do acervo da arquitetura do século XX em São Luis que atualmente encontra-se sem proteção e bastante

descaracterizado. Esta pesquisa insere-se no projeto da pesquisa denominado “ideários urbanos e linguagens arquitetônicas do século XX em São Luís Maranhão”, desenvolvido dentro do curso de arquitetura da UEMA, que tem por objetivo identificar, catalogar e valorizar o acervo do século XX na capital.

Palavras-chave: arquitetura moderna em São Luís; imagens do moderno; álbum fotografias de 1950.

Juliana Pugliesi Furtado Queiroz (jupugliesi@hotmail.com)

Ludmila Benedetti Furtado (ludmilabenedetti@googlemail.com)

Jose Artur D’Alo Frota (arturfav@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Goiás / Faculdade Católica do Tocantins

O perfume do caju: algumas reflexões sobre quadras e praças de Palmas

A área indicada para receber a cidade de Palmas obedeceu a determinados princípios, estudos técnicos e ambientais, que em boa parte são oriundos da tese de doutoramento do engenheiro, de origem argentina, Juan Luis Mascaró, tendo por base sua publicação “Desenho urbano e custo da urbanização” de 1987. Como projeto urbano, a cidade se divide em “quadras autônomas”, conforme a “Lei de zoneamento e Uso do Solo Urbano de Palmas” e cada uma destas quadras possuem características específicas, sendo concebidas para receberem projetos de diferentes arquitetos. É dentro deste contexto inicial que a cidade passou a contar com quadras semelhantes em suas funções básicas, mas que não obstante, permitem soluções diferenciadas a suas características físicas absorvendo, em parte, o carácter moderno da cidade. O fato de cada quadra ser tratada como uma vila, reproduzindo no seu interior uma grande variedade de usos, estabelece uma dimensão mais doméstica e uma escala mais humana a singularidade destes lugares. Este artigo tem por base a investigação das quadras 106 norte e 106 sul, estabelecidas entre o eixo da Avenida JK e que gozam do panorama visual da serra e do lago, assim como da proximidade com a praça central “girassóis”. O espaço público e a qualidade das relações sociais, da convivência do cidadão que habita o lugar, depende, em grande parte, de uma acertada concepção e do adequado tratamento do espaço urbano. Tomando como parâmetro a habitabilidade como um conjunto de condições que propiciam a permanência humana em um determinado lugar, sua sobrevivência e certo grau de gratificação existencial, esta investigação se propõe a estudar a habitabilidade cidadina a partir da identificação da população com seu habitat. Tal dimensão se apresenta fortemente carregada de aspectos culturais e simbólicos e trabalha com os temas do sentido e do uso, com os processos de percepção e cognição do espaço e de sua apropriação por parte do usuário. O estudo toma como estratégia metodológica a obra teórica de Kevin Lynch como

uma das referências principais para os procedimentos básicos da pesquisa: a construção de um modelo conceitual e operativo de análise que define os atributos fundamentais para o estudo de habitabilidade e elaboração de instrumentos que levem em conta aspectos objetivos e técnicos e indicadores subjetivos de satisfação e percepção do habitante.

Palavras-chave: paisagem urbana; Palmas; acessibilidade.

Celma Chaves (celma_chaves@hotmail.com)

Cybelle Salvador Miranda (cybelle1974@hotmail.com)

Universidade Federal do Pará

A permanência do moderno e as referências brutalistas em obras dos primeiros arquitetos formados na UFPA

A instalação do curso de Arquitetura e Urbanismo em março de 1964, não inauguraria na cidade de Belém os primeiros exemplares da arquitetura moderna, haja vista que uma produção com essas características já havia sido iniciada com as obras do engenheiro Camilo Porto de Oliveira. Porém, é incontestável que a chegada os professores que vieram para sua fundação, instituiriam novas formas de ensinar e fazer essa arquitetura. Influenciados por suas escolas de formação, com destaque para o Curso de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os professores-arquitetos passaram a transmitir os princípios formais de uma arquitetura filiada às correntes modernas que esta escola adotava, sendo legíveis nas Apostilas empregadas como textos didáticos a prevalência de conceitos de ‘composição’ e ‘arte’ como elementos distintivos entre os ofícios de Arquiteto e Engenheiro. Contudo, os novos arquitetos formados em Belém -PA serão claramente influenciados por princípios para além do que se observava na chamada “escola carioca”. Possivelmente pela consulta de revistas de Arquitetura nacionais e importadas, passaram a adotar elementos compositivos e estruturais do chamado brutalismo na arquitetura, a partir da definição e soluções que viriam da escola anglo saxônica, principalmente do que Reyner Banham defendia em seu texto de 1966, ou antes dele os Smithson com o “novo brutalismo” a partir de 1953 (ZEIN, 2007). Dentre estes novos arquitetos, destacam-se os primeiros graduados como Roberto de La Roque Soares, Paulo Cal e Paulo Chaves, e o então professor e um dos fundadores do curso Jorge Derenji, oriundo da mesma escola de arquitetura de Porto Alegre. Analisar-se-ão nesse artigo três obras que apresentam características que se correspondem à estética brutalista moderna: a Casa La Rocque (1ª metade dos anos 70), (atualmente ameaçada de demolição para dar lugar a um condomínio vertical); o Colégio Deodoro de Mendonça (projeto provavelmente de 1968/69), dos arquitetos Derenji e Milton Monte, e a Sede do Tribunal de Contas do

Estado do Pará, de Paulo Chaves e Paulo Cal (década de 1970). A partir de pesquisa documental e entrevistas com os autores dos projetos e arquitetos contemporâneos a estes, pretende-se problematizar tal classificação, para compreendê-la como parte de um processo de difusão e recepção de conceitos e/ou formas estéticas que em seu momento tiveram como expressão o uso do concreto armado em estado “bruto”, a sua qualificação ou não como movimento estilístico e sua disseminação, aceitação ou fugacidade na arquitetura que se realiza em Belém no início da segunda metade do século XX.

Palavras-chave: arquitetura moderna; estética; brutalismo.

Barbara Gonçalves Guazzelli (barbara.guazzelli@ucb.org.br)

Alexandre Leitão Santos (alexandre.leitao@ucb.org.br)

Técnicas bioclimáticas na região amazônica: O caso do Retiro Tagaste em Marituba/PA

Uma edificação que contempla boa arquitetura consegue intermediar a relação entre o ambiente e o homem. Já o uso de tecnologias mercantilizadas podem muitas vezes refletir desprezo pelas culturas regionais ao produzir um habitat inadequado ao meio físico e aos valores culturais na qual foi inserida. Nesse sentido, a excelência da arquitetura tradicional se dá em parte pela utilização de uma tecnologia condizente com os materiais disponíveis na região em que está inserida, com respeito tanto ao meio ecológico quanto ao meio cultural correspondente. Pensando nisso, esse artigo busca reconhecer no Regionalismo Crítico um movimento detentor de preceitos que se relacionam com a atual busca pela sustentabilidade nos projetos das edificações. Pós-modernista, o Regionalismo Crítico busca pensar a arquitetura como forma de valorizar os aspectos locais de uma determinada cultura, estabelecendo uma atitude de resistência perante o fenômeno da universalização cultural, a partir da relevância do contexto e de seus respectivos valores regionais. Está inserida nesse quadro a teoria dos contextualistas, que buscam na tradição do lugar e na sua cultura correspondente os valores que orientam a produção arquitetônica. Considerando que as características a serem adotadas para atingir a eficiência energética de uma construção, assim como seu ambiente sociocultural, deveriam estar presentes em qualquer bom projeto construtivo, esse artigo analisa partidos arquitetônicos na região amazônica que exemplificam uma bem sucedida relação entre homem e meio. Entre eles, encontra-se o Retiro Tagaste, localizado Marituba, na Região Metropolitana de Belém, capital do Pará. Esse conjunto de edificações foi idealizado pelo Arqto. João Castro Filho, datado de 1986. Na visão do arquiteto, a adequação ao espaço deve levar em conta tanto os padrões socioculturais como as características geográficas do lugar em que a construção vai ser inserida. Já que vivemos nos trópicos, tropicais devem ser nossas soluções arquiteturais. Sendo assim, João Castro se utiliza nesse projeto de ele-

mentos arquitetônicos que colaboram com a climatização passiva dos espaços, como a presença de pátios, pérgulas e pilotis. A ligação entre os prédios é feita por uma estrutura de madeira e telhas de barro. O telhado apresenta uma peculiar solução, onde se combinam lanternins, generosos beirais e um arremate especial chamado “quebra-chuva”. Este artigo enfim apresenta soluções encontradas pelo arquiteto para o Retiro Tagaste que são condizentes com o lugar em que está inserido no que diz respeito ao clima e, conseqüentemente, à tradição local, assim como suas contribuições para a disciplina como um todo.

Palavras-chave: região amazônica; eficiência energética; arquitetura vernacular.

José Alberto Tostes (tostes.j@hotmail.com)

Alice Agnes Weiser (weiser.alice.a@gmail.com)

Universidade Federal do Amapá

Macapá: a cidade modernista do período Janarista de 1944 a 1955

A cidade de Macapá tem 258 anos de fundação, durante boa parte desse período ficou sob a tutela da Província do Grão-Pará e posteriormente do estado do Pará, até 1942. Somente com a criação do Território Federal do Amapá, no ano de 1943, começa uma nova fase com a construção de uma nova cidade, até então, as estruturas mais consolidadas resultavam na Fortaleza de São José de Macapá, Igreja de São José e da Intendência Municipal, que posteriormente se transformaria em um Museu, denominado de Joaquim Caetano. O período mais intenso de formação do Território Federal ocorreu exatamente na cidade de Macapá, com a construção de grande número de edificações institucionais, escolas, hospitais e outras edificações institucionais que ficaram ao encargo da empresa Platon Engenharia Ltda com a responsabilidade de construir a grande maioria dos edifícios. Um fator bastante representativo de todo esse processo se deu por uma recomendação do primeiro governador do Território Federal do Amapá, Janari Nunes. O governador da época estabeleceu alguns limites importantes o desenvolvimento da cidade, definiu que às margens do rio Amazonas, o centro geométrico da Fortaleza de São José e o perfil plano da morfologia da cidade fosse determinante para os novos investimentos que seriam realizados. Baseado em princípios da cidade moderna, ficou claro desde o primeiro momento que Macapá deveria seguir dois fundamentos básicos: o primeiro, de ter ruas e avenidas largas e amplas com espaços públicos para atender a população. Fato que representou para as áreas centrais da cidade a expulsão de comunidades negras para áreas consideradas a época de periféricas. Durante um período de mais de dez anos diversas edificações foram construídas com características modernas, durante um expressivo tempo representaram um símbolo de uma nova Macapá. O presente artigo trata exatamente de evidenciar o valor desse período e sua representação simbólica para os amapaenses. Os estudos vêm sendo realizados pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Urbanismo na Amazônia e tem contribuído para os esclarecimentos de dois importantes fatores: a construção de obras de estilo moderno e as

causas que definiram o processo de expansão da cidade de Macapá. O método utilizado foi lógico histórico, pois foi estabelecido a partir dos fenômenos e dos fatos desencadeados a leitura e interpretação da época. A consulta no acervo de instituições como o governo do estado do Amapá e do IPHAN foi decisiva nos aportes do referido trabalho. O suporte conceitual está na discussão da cidade moderna e contemporânea e na relação entre o objeto edificado e a organização espacial da cidade. A relevância do trabalho reside em evidenciar como em um curto intervalo de tempo se construiu um ideário para uma cidade às margens do rio Amazonas. Os estudos comprovam que até os dias atuais esse período marcou um caráter simbólico bastante expressivo para história do lugar, muito embora mais recentemente, boa parte desse patrimônio edificado tenha sido perdida com a voracidade do poder e do capital imobiliário.

Palavras-chave: Macapá; arquitetura moderna; simbologia moderna.

Rosilan Mota Garrido (garridorosilan@gmail.com)

Universidade Estadual do Maranhão

Hotel Central - O Moderno na Praça Pedro II - Núcleo Fundacional da Cidade de São Luís

Este artigo trata da inclusão da modernidade na arquitetura das Praças Pedro II e Benedito Leite núcleo fundacional de São Luís do Maranhão, e da edificação do Hotel Central, construído em 1943 em estilo Art Decó. O projeto de autoria do arquiteto maranhense Vicente Azevedo bastante arrojado no período, constituía-se de 5 níveis de pisos, num espaço onde predominava a horizontalidade. A história desse hotel se entrelaça com a história da praça, da cidade, com os usos e hábitos dos maranhenses e com o espírito do modernismo da época, e sua inauguração corresponde a um novo tempo para a cidade de São Luís, o que inclui a demolição de antigas edificações e a exaltação do novo. O contexto inclui a existência de uma guerra que abalava a população, pois alguns dos seus filhos participavam no front. Por outro lado, a distância do epicentro da guerra de certa forma diminuía os impactos dos horrores vivenciados principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Neste ensaio, abordaremos o Hotel Central e sua relação com o tempo, com a cidade, com a história do espaço, Pedro II e Benedito Leite e destacaremos suas características principais.

Palavras-chave: Hotel Central; Arquitetura; Moderna; Praças.

II SAMA

caderno de resumos

Coordenação Editorial
Marcos Paulo Cereto

Os resumos desta publicação foram submetidos pelos autores e co-autores e analisados pelo Comitê Científico que validou a sua apresentação e/ou publicação neste caderno de resumos do II SAMA. As informações aqui veiculadas são de total responsabilidade de cada autor e co-autor de suas publicações.

Edição limitada em 200 exemplares

Comitê Organizador

Patrícia Orfila Barros dos Reis (UFT)

Adriana Dias (Ceulp Ulbra)

Marcos Paulo Cereto (UFAM)

Comitê Científico

Adriana Dias (Ceulp - ULBRA)

Alcilia Afonso de Albuquerque e Melo (UFCCG)

Ângelo Marcos Arruda (UFMS)

Anna Paula Canez (Uniritter/Mackenzie)

Aristóteles de Siqueira Campos Cantalice (Unicap)

Beatriz Santos de Oliveira (UFRJ)

Celma Chaves (UFPA)

Celina Borges Lemos (UFMG)

Claudia Helena Campos Nascimento (UFRR)

Conceição Trigueiros (Universidade de Lisboa)

Elisabeth Martins (UFRJ)

Fernando Diniz (UFPE)

Giovanni Blanco Sarquis (IPHAN-AP/PA)

Giuliano Orsi Marques de Carvalho (UFT)

Grete Soares Pflueger (UEMA)

Hugo Segawa (USP)

José Alberto Tostes - (UNIFAP)

Juliana Suzuki (UFPR)

Marcos Antonio dos Santos (UFT)

Márcia da Costa Rodrigues de Camargo (UFT)

Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas (UFPE)

Marianna Gomes Pimentel Cardoso (UFT)

Marielle Rodrigues Pereira (Ceulp - ULBRA)

Olivia de Campos Maia Pereira (UFT)

Renato Gama Rosa Costa (Fundação Osvaldo Cruz)

Ricardo Silveira Castor (UFMT)

Thyago Phellip França Freitas (Ceulp - Ulbra)